

## COTIDIANO SUBMERSO: ENTRE A POÉTICA DOS SONHOS E A REALIDADE DAS ENCHENTES

Gabryel Muniz Bertoldi<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
Associado/a/e ANPAP: Não

### RESUMO

Esse texto se trata de um relato de experiência, onde na perspectiva de artista e estudante do curso de Artes Visuais Bacharelado (FURG), explico minha obra chamada “Cotidiano Submerso”<sup>1</sup>, criada em 2023, como uma premonição das enchentes que ocorreram no Rio Grande do Sul em 2024. Conto minha vivência de desumanização do trabalhador em situações de crise e a importância dos sonhos como instrumento de autoconhecimento, criatividade e conexão com o inconsciente. Além de destacar como a minha trajetória no curso de Artes Visuais e no grupo de pesquisa Observatório de Arte Pública Entorno e Novo Gênero<sup>2</sup> fortaleceu a minha percepção sobre arte, entorno e paisagem.

### PALAVRAS-CHAVE

Poética ambiental. Sonho. Cotidiano. Enchente.

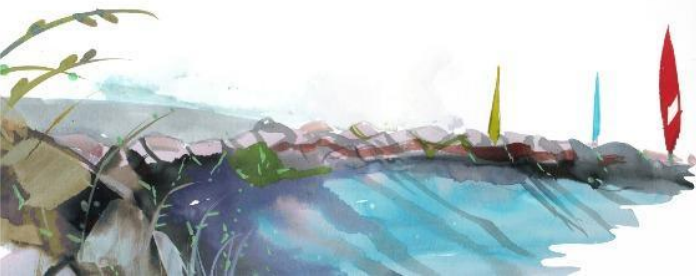
Esse texto consiste em um relato de experiência de um estudante de Artes Visuais Bacharelado, da Universidade Federal de Rio Grande (Furg). Busco relacionar a criação de uma de minhas obras, produzida no ano de 2023, como uma premonição do que viria a acontecer em 2024 no estado do Rio grande do sul, a grande catástrofe climática das enchentes (imagem 1 e 2).



Imagem 1. Prefeitura de Rio Grande estima que 31,8 mil habitantes serão atingidos pela enchente nesta quinta-feira, 2024. Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/05/prefeitura-de-rio->

---

<sup>1</sup> Graduando em Artes Visuais Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Lattes ID:<http://lattes.cnpq.br/7735757106829520>. Rio Grande - RS, Brasil.



[grande-estima-que-318-mil-habitantes-serao-atingidos-pela-enchente-nesta-quinta-feira-clvyi7kg5002z011hqnyhc82l.html](https://www.olitoraneo.com.br/noticia/20769/rio-grande/regiao-sul/situacao-em-sao-jose-do-norte-atualizacao-da-cheia-no-municipio.html). Acesso em: 23 Abril 2025.



Imagem 2. Situação em São José do Norte: atualização da cheia no município, 2024. Fonte: <https://www.olitoraneo.com.br/noticia/20769/rio-grande/regiao-sul/situacao-em-sao-jose-do-norte-atualizacao-da-cheia-no-municipio.html>. Acesso em: 23 Abril 2025.

Em outubro de 2023 participei da exposição Arquipélagos<sup>3</sup>, como artista colaborador na proposta "Vermelho, vai lá violeta"<sup>4</sup>, a instalação propusera a submersão de objetos para a construção de narrativas e desdobramentos a partir da multiplicidade de formas do fazer artístico. Minha proposta, intitulada Cotidiano Submerso, se apresenta como uma maneira de adequar as poéticas vindas do desenho, para um suporte submerso, cujo qual não estava acostumado, expandindo as possibilidades da minha arte para novas perspectivas e potências poéticas. Esse trabalho alinha percepções artísticas de cotidiano em um contexto de catástrofe e cria uma narrativa espelhada a partir da realidade de constante degradação que nosso planeta vem sofrendo, como a exploração de recursos naturais, ineficiência das propostas de preservação ambiental e a inevitável visão que o ser humano está no limite de causar impactos negativos que servirão de estopim para desencadear crises climáticas irreversíveis.

A ideia desse personagem (imagem 3) surge a partir da construção de uma narrativa pós-apocalíptica, onde ocorre o êxodo das grandes metrópoles afetadas pela rápida elevação do nível do mar. Neste cenário, grande parte da terra firme se torna imprópria para o cultivo de alimentos devido ao clima tempestuoso, gerando escassez de recursos e fome, trazendo consigo a necessidade de adaptação dos seres humanos a essa nova realidade de sobrevivência frente aos perigos e desafios do fundo do mar. O personagem em si, é resultado de um processo de adaptação forçada, em que a combinação de alterações genéticas e exposição ao ambiente, criam um ser híbrido, que possui guelras para poder respirar embaixo d'água. Mesmo com seu corpo modificado, nota-se a necessidade de trajes de mergulho para expedições em maiores profundidades, evidenciando que o processo de adaptação ainda está em andamento.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 3. Cotidiano Submerso, 2023. Digital, 9cm X 6,5cm. Design: Gabryel Muniz.

A técnica utilizada foi desenho digital, para que o mesmo pudesse ser impresso em papel fotográfico resistente à água. Já em relação a montagem da exposição (imagem 4), se entende a importância do suporte como intensificador do significado da obra, pois ele cria o ambiente necessário para transmitir de forma mais fidedigna o vislumbre das sensações de quem vive nesse contexto. O vidro, serve como uma janela, em que o vizinho espia de sua própria casa o ser híbrido em sua expedição. A composição de plantas dispostas, em conjunto com as algas, criam profundidade na cena e o tom esverdeado da água de forma natural.

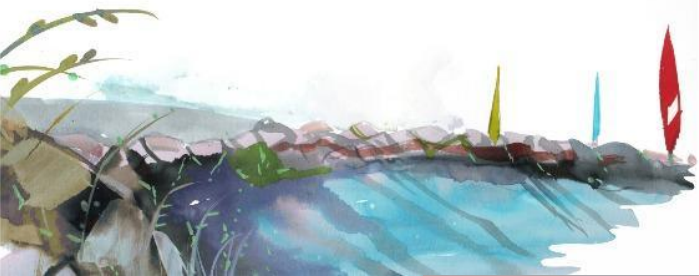
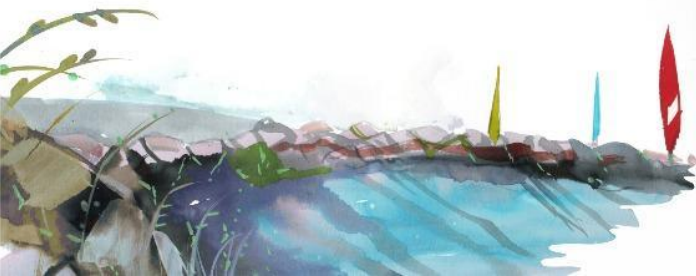


Imagem 4. Cotidiano Submerso, 2023. Desenho digital imerso em aquário. Design: Gabryel Muniz.

Entre o final de abril e o início de maio de 2024, com as enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul, tive a sensação de estar vivendo esse cotidiano. Em meio ao caos, precisei continuar minha rotina “normalmente”, acordando cedo, tomando café e indo trabalhar enquanto via as pessoas tentando salvar o que restasse de seus pertences. Durante este período, estava trabalhando em uma empresa situada em São José do Norte, com a chegada da enchente, a travessia hidroviária, que levava todos os colaboradores para o local de trabalho, foi suspensa por tempo indeterminado. Isso, em tese, possibilitaria que os trabalhadores pudessem respirar e acessar a situação de suas casas com calma. Na realidade, pouco tempo após a elevação do nível da água, foi construída uma passarela para que os funcionários pudessem ter acesso às lanchas da empresa. A iniciativa, fomentada pela necessidade de produção e pressão da empresa, pouco se importava com os colaboradores, como estavam sobrevivendo, a situação de suas famílias e residências. Tampouco com a segurança num geral, tendo em vista que, toda a água derivada da enchente desemboca nos municípios de Rio Grande e São José do Norte, que em conjunto com as chuvas e fortes ventos, fazia com que a travessia ficasse significativamente mais arriscada. Tal medida foi imediatamente desaprovada, levantando questionamentos sobre sermos vistos somente como mão de obra, deixando de lado qualquer possibilidade para modelos alternativos de trabalho ou flexibilização de horas e turnos, nos deixando a mercê de qualquer escolha vinda de cima da cadeia hierárquica, reféns entre trabalhar nos termos que nos foi apresentado ou o desemprego. Não me foi dado tempo para pensar, para refletir sobre o que estava acontecendo e o porque, eu tinha que



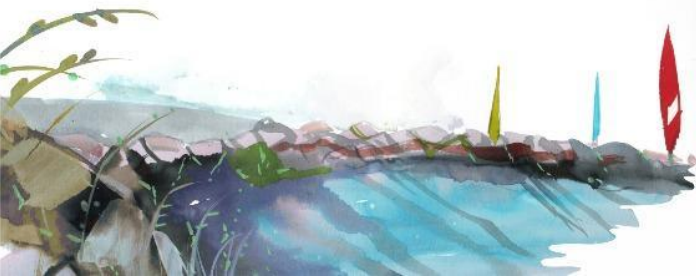
continuar o meu trabalho, me adaptar, me enganar pensando que aquilo era só mais uma coisa pequena. Claro que, a partir deste ponto de vista, posso afirmar o caráter autoinsertivo do personagem na obra, mas o que mais me causa essa sensação é a ideia de que esse personagem mesmo com toda sua fisiologia modificada para se adaptar ao seu novo entorno, ainda carrega as marcas de um cotidiano que o força a produzir.

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde, quando mais de uma colega das que falaram aqui trouxeram a referência a essa instituição do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos (KRENAK, 2019, p.52).

Desde a infância tenho sonhos vívidos, lembro de como era mágico a sensação de contar para meus amigos e familiares o que tinha sonhado e o processo de tentar decifrar seus significados, que por vezes eram premonições, das quais eu aguardava ansioso o dia em que elas viriam a se concretizar de fato. Com o passar do tempo, a vida adulta chegando e as demandas aumentando, acabei perdendo esse “dom”, sentia falta dessa relação com meus sonhos e me perguntava se um dia ela voltaria.

Segundo Jung (2021), o sonho em sua essência é a manifestação do natural, do puro e do ingênuo, nutrida de simbologia, essencialmente é o momento em que o inconsciente se comunica com o consciente. Infelizmente, quando falo de sonhos, me vem fácil a memória que qualquer tipo de relação que tinha com eles era atribuída, pelos outros, como infantilidade ou uma forma de me ausentar da realidade. Mas afinal, se os sonhos fazem parte do nosso subconsciente, estar mais conectados a eles não constituiria um ato de autoconhecimento maior, visto que, o processo do sonho possibilita novas perspectivas e entendimentos muitas vezes ofuscados pelos limites da consciência. Mesmo que o ato de sonhar continue sendo atribuído a esses rótulos, permanecendo invalidado como uma forma natural de desenvolver o pensamento, posso afirmar que naquele momento estava muito mais conectado comigo mesmo do que pudesse imaginar.

Me causa grande alegria perceber que, apesar de ter me afastado dessa característica premonitiva dos sonhos, ela se apresenta por meio de um contexto artístico, onde todos os conceitos que teria desenvolvido no trabalho de 2023 se alinhariam com as vivências que tive em 2024.



Ao analisar as percepções que pude estabelecer a partir desse texto, posso relacioná-las com as experiências durante o curso de artes visuais, principalmente com o grupo de pesquisa Observatório de Arte Pública Entorno e Novo Gênero e a minha orientadora, Profa. Dra. Janice Martins Appel<sup>5</sup>. Que me permitiram perceber as inúmeras relações que me perpassam a cerca do cotidiano e minha relação com a paisagem. Destaco também, a importância proveniente do aprendizado não só em sala de aula, mas a nutrição da cosmovisão a partir de vivências e conexões, constituindo um ser que não só está no entorno, mas que vive nele, o sente e o percebe, entendendo que este processo não se trata do apagamento de sua individualidade, mas a percepção que sua existência faz parte de uma rede complexas de relações.

## Notas

<sup>1</sup> Link para a obra “Cotidiano Submerso” do recorte “Vermelho, vai lá violeta” <https://www.observar.art/about-5-4>. Acesso em: 23 Abril 2025.

<sup>2</sup> Site oficial do grupo de pesquisa Arte Pública, Entorno e Novos Gêneros <https://www.observar.art/>. Link do projeto CNPq do Arte Pública e a Formação de Poéticas da Paisagem nos Biomas Planície Costeira, Pampa, Mata Atlântica, e Seu Entorno: Monumentos, Parques, Praças, Jardins, Feiras, Festas Populares e Ações Artísticas CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/544998>. Acesso em: 23 Abril 2025.

<sup>3</sup> Postagem no perfil do Instagram @artesvisuaisfurg, sobre a exposição Arquipelagos [https://www.instagram.com/p/CyLeys3rbya/?img\\_index=3](https://www.instagram.com/p/CyLeys3rbya/?img_index=3) e notícia da página oficial da FURG convidando para a mostra <https://www.furg.br/noticias/noticias-eventos/exposicao-arquipelago-exibe-producao-recente-de-artistas-dos-cursos-de-artes-visuais-da-furg>. Acesso em: 23 Abril 2025.

<sup>4</sup> Site do recorte “Vermelho, vai lá violeta” do Grupo de Pesquisa Arte Pública, Entorno e Novos Gêneros <https://www.observar.art/vermelhovailavioleta>. Acesso em: 23 Abril 2025.

<sup>5</sup> Pesquisadora, docente e artista que atua em plataforma multidisciplinar e transdisciplinar como educadora, pesquisadora em Artes Visuais. Docente Efetiva do Magistério Superior no Curso de Artes Visuais da FURG - Fundação Universidade de Rio Grande - ILA. Líder do Grupo de Pesquisa Arte Pública, Entorno e Novos Gêneros e coordenadora do projeto de pesquisa Arte pública e a formação de poéticas da paisagem nos biomas planície costeira, pampa, mata atlântica e seu entorno: monumentos, parques, praças, jardins, feiras, festas populares e ações artísticas. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5727299384231642>. Acesso em: 23 Abril 2025.

## Referências

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JUNG, Carl. **Memórias, sonhos, reflexões**. 35. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021